

REPRODUÇÃO/VÍDEO



Caiado confrontou entrevistadores em vários momentos

PSD avalia que Caiado deu seu recado no Jornal Nacional

Leituras sobre desempenhos podem ser bem relativas. Se um determinado desempenho foi um completo desastre, não há o que se discutir. Quando não é, pode levar a conclusões diferentes. Para muitos analistas, o candidato do PSD à Presidência, Ronaldo Caiado, não foi bem na sabatina de 40 minutos no Jornal Nacional. Foi evasivo, fugiu de perguntas e questionamentos feitos pelos jornalistas Cesar Tralli e Renata Vasconcelos, respondendo muitas vezes não exatamente ao que perguntavam, mas dizendo o que queria. Essa, porém, não foi a avaliação da cúpula do PSD. Para o partido de Caiado, ao contrário, a performance de Caiado na sabatina teria atingido o seu objetivo, falando principalmente para o eleitorado de direita que Caiado pretende tirar do candidato do PL, Flávio Bolsonaro. É Flávio o adversário de Caiado no primeiro turno.

Como Bolsonaro em 2018

Para um importante assessor de Comunicação do Palácio do Planalto em governos passados, hoje trabalhando com empresas, o desempenho de Caiado teria lembrado o de Jair Bolsonaro ali na mesma sabatina em 2018. Da mesma forma, Caiado teria confrontado a bancada do Jornal Nacional. Em 2018, Bolsonaro teve uma discussão com William Bonner ao tentar mostrar um livro que, segundo ele, faria parte do tal “kit gay” que se levava às escolas. Para o eleitorado de Bolsonaro à época, objetivo alcançado.

REPRODUÇÃO/VÍDEO



Em 2018, Bolsonaro teve confronto com William Bonner

Ataque a Lula, não a Flávio

Em 2018, a reprimenda de William Bonner teria tido o efeito oposto: o então candidato à Presidência lacrava contra a “emissora do sistema”. Agora, Caiado teria se valido de tática parecida. Jogou para a própria TV Globo a responsabilidade pela construção da imagem negativa que parte da população tem do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), candidato à reeleição. Caiado valeu-se do próprio histórico do noticiário da Globo para atacar Lula, não Flávio, embora seja o eleitor de Flávio quem ele tenha tentado conquistar.

“Quatro anos de propinoduto”

“Eu assisti durante quatro anos aquele propinoduto no Jornal Nacional sobre o roubo do Lula”, disse Caiado para Renata Vasconcelos. Caiado, assim, teria deixado a Globo numa posição desconfortável, de protagonista dos ataques que acabaram levando Lula a ser condenado e preso. Na avaliação do comando do PSD, “os entrevistadores do Jornal Nacional acuaram o Zema, mas foram encurralados por Caiado”.

Esgoto

O tal “propinoduto” citado por Caiado era uma animação para explicar os desvios de recursos da Petrobras investigados na Lava Jato com canos de esgotos por onde escoava o dinheiro. As afirmações foram usadas para rebater questionamentos a respeito da anistia que Caiado pretende dar aos condenados no 8/01.

Relato

A jornalista do Jornal Nacional lembrou a Caiado que, segundo as investigações havia um plano de assassinato de Lula e de Geraldo Alckmin, o que embasou a condenação por tentativa de golpe. “Isso é um relato”, respondeu Caiado. “Não foi um relato”, interrompeu Renata Vasconcelos. Foi aí que Caiado voltou as baterias para o “propinoduto”.

Números e dados

Para o ex-assessor do Planalto, certamente teria sido mais enriquecedor se Caiado tivesse apresentado números e dados concretos a respeito do que ele pretende fazer caso conquiste o governo, em vez de falar de cortes de despesas sem apontar de que forma realmente faria sem gerar enorme impacto nas políticas públicas.

Zema

Erro igual ao de Romeu Zema, do Novo, na primeira sabatina. Mas Zema acabou confrontado nas suas respostas e essa confrontação acabou se tornando a impressão maior da sua participação. Para o PSD, isso não teria acontecido com Caiado. Mesmo deixando várias questões sem resposta, ele teria passado uma sensação de que foi para cima.

Impactos

A questão agora será medir os reais impactos das entrevistas no humor do eleitorado, diante dessa disputa polarizada entre Lula e Flávio, que parece não dar quase que nenhum espaço aos demais. Há, no caso do Jornal Nacional, um fator a mais: esse é o primeiro espaço não controlado no qual todos os principais adversários estarão.

Tropeços

Lula será o sabatinado desta quinta-feira (27). E Flávio Bolsonaro fechará o cliclo de entrevistas na sexta-feira (28). Eles faltaram ao debate da Band. Os adversários dos dois principais contendores nessa disputa eleitoral torcem ali por um tropeço. Flávio terá a sua primeira experiência. Lula já esteve nessa bancada várias vezes.

LUÍZ ROBERTO/TSE



Mendonça propõe uma classificação para deepfake

Mendonça sugere regras para regularizar deepfake

Ministro defende uso de IA quando não levar a percepção falsa

Por **Gabriela Gallo**

O vice-presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), ministro André Mendonça, propôs novas regras objetivas para regular e classificar o uso de deepfakes e a proibição da ferramenta de Inteligência Artificial (IA) nas eleições. O magistrado sugeriu que as deepfakes precisem ser diferenciadas de outros tipos de IA e, portanto, ele sugeriu que um conteúdo deve ser considerado deepfake apenas quando o uso sintético do áudio e vídeo apresente grau de realismo ou verossimilhança objetivamente para produzir falsa percepção de autenticidade.

O ministro sugeriu os novos critérios em decisão individual na terça-feira (25). O caso será analisado pelos ministros do TSE em votação no plenário da Corte eleitoral.

“Considera-se deepfake o conteúdo sintético de áudio, vídeo ou combinação de ambos que, mediante criação, substituição ou alteração digital de imagem ou voz, apresente grau de realismo ou verossimilhança objetivamente apto a produzir falsa percepção de autenticidade quanto a manifestação, comportamento, fato ou circunstância representados”, escreveu o ministro.

A tese de André Mendonça de que “conteúdo sintético e deepfake não constituem categorias equivalentes” trata de uma decisão na qual ele determinou a remoção de um vídeo feito com IA com imagens do candidato à Presidência Flávio Bolsonaro (PL) associando-o ao dono do Banco Master, Daniel Vorcaro.

“Uma definição fundada exclusivamente na técnica empregada alcançaria conteúdos que não apresentam qualquer pretensão de autenticidade, como desenhos, caricaturas, animações, memes, representações fantasiosas ou outras criações cuja artificialidade ou irreabilidade seja imediatamente perceptível pelo destinatário. O problema interpretativo, portanto, não consiste em flexibilizar a opção normativa desta Corte por conferir tratamento rigoroso ao deepfake, mas em delimitar adequadamente o objeto da proibição estabelecida pelo art. 9º-C”, defendeu Mendonça.

A proposta de Mendonça ocorre duas semanas após o plenário do TSE adiar a discussão sobre o uso da imagem em inteligência artificial do ex-presidente Jair Bolsonaro na convenção Nacional do PL.